

**FACULDADES SÃO JOSÉ  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**PAMELA HELENA ROCHA DOS SANTOS  
MARCIA MARIA FERREIRA  
PROFESSOR-ORIENTADOR**

**A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Rio de Janeiro  
2019

## **A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

### **THE IMPORTANCE OF PLAYING IN CHILD EDUCATION**

**Pamela Helena Rocha dos Santos**

Graduanda em Pedagogia pela Faculdade São Judas Tadeu

**Márcia Maria Ferreira**

Profa. Orientadora do curso de graduação em Pedagogia da Faculdade São Judas Tadeu

#### **RESUMO**

O objetivo geral é analisar a importância do brincar para a aprendizagem dos alunos da educação infantil. O objetivo específico é descrever as principais brincadeiras existentes na Educação Infantil. A metodologia deste estudo consiste em uma revisão bibliográfica. Foram utilizados livros, teses, dissertações e bases de dados LILACS e Scielo, com recorte temporal de 2009 a 2018, disponível na íntegra e com idioma português. As palavras -chave utilizadas foram: educação infantil, brincadeira e criança. Concluiu-se, nesta pesquisa, que a brincadeira tem grande relevância no processo de formação da criança em idade escolar. Pode-se dizer, neste caso, que o aspecto lúdico da brincadeira está intimamente ligado ao comportamento desta faixa etária.

**Palavras-chave: Educação infantil, Brincadeira, Criança**

#### **ABSTRACT**

The overall goal is to analyze the importance of play to the learning of children's education students. The specific objective is to describe the main games that exist in Early Childhood Education. The methodology of this study consists of a bibliographical review. We used books, theses, dissertations and LILACS and Scielo databases, with a temporal cut from 2009 to 2018, available in full and with Portuguese language. The key words used were: child education, play and child. It was concluded, in this research, that the play has great relevance in the process of training the school-age child. It can be said, in this case, that the playful aspect of the play is closely linked to the behavior of this age group.

**Key-words: Child Education, Child, Child**

## INTRODUÇÃO:

A escola é tomada como referência no crescimento da criança como um dos principais fatores na sociedade, pois é através dela que a criança obtém as primeiras experiências no que diz respeito às interações sociais, principalmente na hora de brincar (ALMEIDA; GOMES; MONTEIRO).

Nesse caso, a com relação ao compartilhamento de funções sociais, políticas e educacionais, a escola contribui e influencia para a formação da criança. Ela tem a responsabilidade por transmitir e construir conhecimento e modificar o pensamento de acordo com as peculiaridades de cada ambiente. Logo, a família e a escola são consideradas duas instituições importantes com a função de estabelecer processos evolutivos, atuando como propulsoras de seu crescimento físico, mental, intelectual, emocional e social (ALMEIDA; GOMES; MONTEIRO).

Além disso, a escola é vista como um objeto fundamental no processo educacional, já que os profissionais atuantes da área são formados, é cabível que haja uma relação harmoniosa e produtiva entre instituição e aluno (BARROS, 2013)

Nesse contexto, a escola também atua como um processo socializador de qualquer sujeito, tendo em vista o conjunto de pessoas que integram o ambiente. Ela precisa desenvolver ações como o brincar na tentativa de alcançar um objetivo maior, sendo em pequenas coisas ou em grandes coisas como um futuro promissor para para a educação infantil. (BRITO; ROCHA, 2012).

Nesse contexto, Brito, p.13, (2013) define a Família e escola como:

Parte do sistema público de ensino que é responsável primário pela educação escolar. Segundo a LDB (1996), a educação escolar tem como objetivo, no ensino fundamental, “a formação básica do cidadão compreendida como: I – o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; II – a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade; III – o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem,

tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores.  
Já a família é definida no sentido de quem exerce as funções de cuidados básicos de higiene, saúde, alimentação, orientação e afeto, mesmo sem laços de consangüinidade

O objetivo geral é analisar a importância do brincar para a aprendizagem dos alunos da educação infantil. O objetivo específico é descrever as principais brincadeiras existentes na Educação Infantil.

A metodologia deste estudo consiste em uma revisão bibliográfica. Foram utilizados livros, teses, dissertações e bases de dados LILACS e Scielo, com recorte temporal de 2009 a 2018, disponível na íntegra e com idioma português. As palavras -chave utilizadas foram: educação infantil, brincadeira e criança

Delimitou-se como questão norteadora a seguinte pergunta: qual a importância do brincar para a aprendizagem dos alunos da educação infantil?

A justificativa para este tema surgiu devido as brincadeiras serem usadas na aprendizagem dos alunos da Educação Infantil. Pode-se perceber, neste aspecto, que a brincadeira é a base importante para que o aluno venha a ter um bom desenvolvimento escolar, pois ela é vista como incentivadora deste processo de aprendizagem. Nesse caso, com relação aos profissionais de pedagogia, este estudo irá contribuir para o conhecimento da relação entre a brincadeira e o ensino aprendizagem e o que isso causa no desenvolvimento escolar do aluno a educação infantil, já que este assunto é muito discutido na sociedade, porém, pouco estudado a fundo no que consiste o processo de educação da criança e do adolescente.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### A atuação da escola no processo de ensino-aprendizagem

Com relação à educação, a escola detém de diversos compromissos pois se trata de uma instituição cujo objetivo maior é educar. Nas escolas, é imprescindível o planejamento, definição de metas, atingir objetivos de avaliação e evoluir, cada vez mais, na educação de seus alunos do ensino fundamental. Outro aspecto relevante, é dever dos professores terem consciência de suas atitudes, estabelecendo momentos de interação, afeto e compreensão das diferenças encontradas na escola, com a finalidade de incluir todos esses alunos do ensino fundamental para que eles sejam capazes de terem uma aprendizagem satisfatória e de qualidade (CASSIANO, 2009).

Nesse caso, o ensino-aprendizagem é a resposta planejada às exigências normais do processo de educação. O professor, nesse aspecto, é o que mais acompanha a aprendizagem de seu aluno, deixando um pouco de lado a concentração em determinados assuntos ou até mesmo em técnicas didáticas. Além disso, o ensino é visto como a consequência da relação pessoal do professor com o seu aluno (COSSON, 2016)

Nesse contexto, o Artº 22 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, com relação a educação básica explica que (D'ONOFRIO, p.35, 2015):

A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores

As instituições de ensino precisam formar seu corpo docente com professores que tenham uma autêntica vocação para ensinar, e dar-lhes todo apoio e incentivos para que o façam com liberdade e tranquilidade. Para obter resultados ótimos, o processo de ensino deveria, além de respeitar o processo natural de aprendizagem, facilitá-lo e incrementá-lo (GREGORIN, 2009),

Sendo assim, de acordo com Melo, p.1,(2009)

A criança goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades

e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Nesse sentido, essa relação deve começar pela própria escola, pois os pais não tem nenhum conhecimento sobre as características cognitivas, psíquicas e de aprendizagem de seu filho, logo, a dificuldade é iminente em participar da vida deles (OLIVEIRA; TREVISAN, 2012)

O papel que a escola possui no desenvolvimento dessa parceria é importante, considerando, sempre, a necessidade da família do aluno do ensino fundamental. A instituição escolar precisa levar esses pais a vivenciarem situações que deem oportunidade para que eles sejam ativos nessa parceria. Vale ainda ressaltar que a escola e a família precisam estar unidas e juntas e entenderem o conceito do que é a Família e também do que é a Escola, tanto no passado quanto no presente. Além disso, a aprendizagem e o desenvolvimento humano também devem ser entendidos como parte deste processo, pois é aí que o aluno mostra a sua evolução na sua educação (OLIVEIRA; TREVISAN, 2012)

Logo, a escola deve ter como principio fundamental o Art 5º da Constituição Federal que diz respeito sobre (OLIVEIRA, p.13, 2015):

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade

## **CORPO DO TRABALHO/DESENVOLVIMENTO**

### **Crescimento e desenvolvimento infantil**

O crescimento é caracterizado pelas transformações quantitativas, no aumento da estatura e do peso. Em relação ao desenvolvimento, o mesmo pode ser definido como a mudança e expansão graduais, a evoluções de estágios mais simples até o mais complexos e o surgimento das capacidades da criança por meio do crescimento, da maturidade e do aprendizado (LINS; BISPO, 2015)

O desenvolvimento infantil é um evento que envolve fatores neurológicos, físicos, comportamentais, cognitivos, afetivos e sociais. As mudanças começam

quando a criança ainda é um feto e a maturação ocorre durante toda a vida do ser humano, permitindo que este venha a desenvolver diferentes potencialidades (LINS; BISPO, 2015)

O crescimento e o desenvolvimento ocorrem por meio de fatores intrínsecos (como a genética) e extrínsecos (aspectos financeiros e sociais, de saúde, alimentação e o ambiente em que a criança vive (MELO, 2009)

Nos primeiros anos de vida, a criança descobre o mundo a sua volta e desenvolve diversas habilidades por meio de sua capacidade. Erros ou possíveis deficiências que acontecem durante qualquer fase de maturação podem ter graves consequências negativas para o seu desenvolvimento. Muitas vezes, essas consequências são descobertas na fase escolar ou em outras fases como a adolescência. Assim, deve-se observar o processo de desenvolvimento das crianças com o objetivo de evitar danos ao longo desse curso (MELO, 2009)

Além disso, de acordo com Lopes (p.20, 2013), o desenvolvimento cognitivo da criança ocorre por meio de 4 estágios que são: sensório-motor, pré-operatório, operatório concreto e formal:

✓ O estágio sensório-motor se inicia ao zero mês e é prolongando até os 18 meses. No decorrer desta faixa etária, a criança desenvolve uma inteligência prática, ou seja, uma inteligência realizada através das percepções e dos movimentos, com uma coordenação sensório-motora das ações, sem o uso exato do pensamento. Esta inteligência resolve alguns problemas de ação, como por exemplo, alcançar objetos afastados ou escondidos, entre outros. Este período poderá se dividir em três sub-estágios, um deles referente aos reflexos do recém-nascido, e os outros dois são relativos à organização das percepções e hábitos e à inteligência totalmente sensório-motora

✓ se apresenta o estágio pré-operatório, que corresponde à faixa etária de dois anos até aproximadamente sete anos de idade. Neste estágio, há um grande avanço do desenvolvimento, pois é quando a criança desenvolve a linguagem. Assim sendo, o sujeito se socializa mais, pois consegue comunicar-se com os demais (chamada por Piaget de socialização da ação).

✓ O período operatório concreto ocorre aproximadamente na faixa etária dos sete aos onze anos, e é caracterizado como sendo uma fase de transição entre a ação e as estruturas lógicas mais gerais. Neste período, temos duas ordens de operações: as operações lógico-matemáticas e as operações infralógicas. As operações lógicas possuem como referência as operações lógicas matemáticas, que foram denominadas por Piaget como sendo "agrupamentos". As mesmas são identificadas durante dois períodos de desenvolvimento: o operatório concreto e o formal (o período operatório formal ocorre em sujeitos de doze anos em diante, quando o pensamento já está formado para as abstrações).

✓ Estádio das operações formais: Entre os 11 e os 15-16 anos, aproximadamente, as operações se desligam progressivamente do plano da manipulação concreta. Como resultado da experiência lógico-matemática, o adolescente consegue agrupar representações de representações em estruturas equilibradas (ocorrendo, portanto, uma nova mudança na natureza dos esquemas) e tem acesso a um raciocínio hipotético-dedutivo

## **A Família e a escola**

A família tem um papel muito importante na educação dos filhos que é a de inseri-los na sociedade, possibilitando a sua socialização. A socialização é considerada um elemento fundamental no que diz respeito ao desenvolvimento cognitivo dessa criança. A família é caracterizada por ser um sistema aberto que tem sofrido transformações ao longo de décadas, refletindo as mudanças na sociedade atual. Dessa maneira surgem novos modelos familiares, que antes eram apenas constituída por pai, mãe e filhos. De qualquer maneira, a estrutura familiar ainda mantém-se como foco relacional básico para a construção estrutural da criança (LOPES, 2013).

Além disso, a família exerce uma função essencial na aprendizagem humana. Por meio do ensino, ela é a primeira a incluir a linguagem materna, dos símbolos e das regras de convivência em sociedade (PAIVA; OLIVEIRA, 2010).

Nesse caso, os pais devem entender que educar é ajudar na capacidade de desenvolvimento dos aspectos cognitivos e participar desse processo. O crescimento da criança ocorrem tanto de modo físico quanto no psicológico, pois um depende do outro para ter um bom desenvolvimento (PAIVA; OLIVEIRA, 2010).

A forma como a criança se adapta aos ambientes ao longo de sua vida, principalmente no âmbito escolar, depende, em partem, da educação que os pais estabelecem e da natureza da relação deles com os seus filhos. Com suas ações, a família acaba influenciando no rendimento escolar e conhecer o modo que essa influência ocorre facilita a compreensão de aspectos positivos e negativos no que diz respeito ao conhecimento escolar (SANTOS, 2017)

Com relação ao papel dos pais, o mesmo não é a de dar liberdade total a criança, mas sim, de permitir que a mesma possa conquistar de uma forma evolutiva, a partir de um conjunto de fatores sólidos, proporcionando, assim, meios e aceitando que, com suas iniciativas, possa inserir transformações sem que os pais e professores se submetam às exigências infantis (SANTOS, 2017)

Outro aspecto relevante e pouco discutido é que o respeito e confiança são fundamentais para qualquer tipo de relação, principalmente e de pais e filhos e de pais e escola. Quando os professores não respeitam ou não confiam na família do aluno, a relação entre eles se torna pouco produtiva, interferindo na progressão daquela criança. Se a família e os professores se respeitam mutuamente e estabelecem laços de confiança, existem condições para estabelecer uma relação realmente colaborativa (SCANTAMBULO, 2012)

Sendo assim, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394/96) em seu artigo 12º estabelece os deveres da família como uma das responsáveis pelo desenvolvimento educacional da criança, bem como a escola em criar processos de colaboração com a família, além de mantê-la informada sobre o seu sistema de ensino-aprendizagem e outras informações como frequência e rendimento escolar do aluno. Mas também destaca alguns fatores necessários na educação do aluno (SCANTAMBULO, 2012)

## **A concepção do termo infância**

É possível dizer que os adultos que tiveram uma infância vivida em grupos de brincadeiras, possuídos de forte sentimento de coletividade, e que consideram essa experiência como algo benéfico, tendem a reproduzir no presente aquilo que compreendem como positivo para dar às gerações mais novas com as quais convivem, por meio da prática educativa como pais e mães, a oferta de subsídios para experiências semelhantes, conduzidos pela imagem que fazem da criança e da infância (SOUZA, 2010).

Por outro lado, observa-se a infância como uma fase do desenvolvimento humano pelo qual se constrói parte do conhecimento do mundo. Dessa forma, quando se refere a infância, o ser humano é levado a pensa-la em sua relação cronológica, como uma fase do desenvolvimento do ser humano, ou ainda, como uma viagem ao interior do próprio ser, onde as pessoas encontram lembranças de um tempo que não retorna (SOUZA, 2010).

Assim, Severo (2015) afirma que desde o nascimento e por meio de experiências com o outro e com a sociedade, a criança vai adquirindo e construindo seu próprio conhecimento. Essa construção é relevante para as fases de sua vida, que se caracteriza como o tempo de sua infância, que por sua vez, será distinto dos outros, como também a própria ideia de infância de sua própria época.

Nesse caso, pode-se sugerir que a diversidade de vivências e contextos socioculturais das crianças permitem as pessoas em não falar apenas de uma infância só, mas em várias infâncias, que são múltiplas e plurais nas suas mais diversas maneiras de se manifestarem e produzirem culturas (SEVERO, 2015).

Em contrapartida, Souza (2015) relata que ao participar desse processo de desenvolvimento quando adulto, deve ser importante se entusiasmar e se encantar com esse fenômeno, pois de certo modo eles estão inserindo a criança no mundo. Essa inserção começa quando são apenas bebês, quando a comunicação é realizada de maneira intuitiva, com compreensão e carinho (SOUZA, 2015).

Quando a criança entra na idade escolar, a mesma vai se tornando um foco na vida dos adultos, onde muitos depositam a ideia de um futuro promissor. Porém, não se pode esquecer que são crianças e cabe aos pais, adultos e professores a tarefa de permitir que elas vivam intensamente conquistando assim, o direito de ser criança e ser feliz (VIGOTSKI, 2009).

Outro aspecto importante do que seria o significado de infância, é que muitos ainda têm a ideia de é um ser humano pequeno, frágil, inocente, natural, sem maldade e também sem as preocupações de um adulto. Talvez esta seja uma maneira pela qual os adultos tentam caracterizá-la e acabam por esquecer de observar que nem todas as infâncias são assim, considerando que há várias concepções do que seriam esta palavra. Ainda, deve-se observar que o meio social e cultural ao qual a criança está inserida, ou seja, “a criança é um sujeito histórico”. Verifica-se, então, que a concepção de infância é forjada em diversos contextos sociais, econômicos, políticos, culturais, que por sua vez, mudam por meio dos tempos e dos lugares (VIGOTSKI, 2009).

Ao considerar e compreender os vários contextos ao qual a criança está inserida, pode-se obter informações sobre as várias concepções de infância, e a diversidade cultural destas. A necessidade de compreender as crianças exige caracterizá-la concreta e historicamente. Para isso, é preciso desvendar as relações entre os condicionamentos sociais, políticos, econômicos e culturais, das quais emerge o conceito de criança. A visão de que existe uma criança única, abstrata, desvinculada da realidade e da dinâmica da sociedade não pode ser fortalecida (D'ONOFRIO, 2015).

Então, Gregorin (2009) ressalta que quando se compreende que há vários significados do termo infância, há a possibilidade de reflexão sobre o aprimoramento das práticas educativas com leituras oferecidas a crianças de diversas realidades. O que promove, assim, uma melhoria na qualidade de ensino, pois conhecer melhor esse aluno resulta na escolha de livros que ajudem no incentivo da leitura por prazer (GREGORIN, 2009).

Além disso, a escolha de livros resulta em novos conhecimentos sobre as crianças de hoje, proporcionando uma melhor interação do professor de Letras

com seu aluno em idade escolar, pois é meio da interação com o meio físico e social que a criança vai se desenvolver de forma única e integrada (D'ONOFRIO, 2015).

## **O brincar**

No século XX, a Declaração dos Direitos da Criança das Nações Unidas, de 1959, reconheceu que brincar é uma necessidade e um direito de toda a criança. Além disso, a declaração inseriu a alimentação, acesso à saúde, educação e amor parental como outras necessidades (D'ONOFRIO, 2015).

No Brasil, o brincar começou com a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Esther Moraes, docente de Enfermagem Pediátrica da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, no final da década de 1960, por descobrir que esta estratégia proporcionada menor sofrimento com relação à separação dos pais, maior cooperação ao tratamento e maior aproximação entre o familiar e a criança (KIRCHOFF; BONIN, 2015).

A referida professora buscou outros estudos para descrever as mudanças de comportamentos e acrescentou a este conhecimento na disciplina de Enfermagem Pediátrica. Na década de 1970, já se relatava que o enfermeiro pediátrico devia ter o conhecimento sobre o uso do brinquedo no cuidado à criança e inseri-lo no cuidado de enfermagem (KIRCHOFF; BONIN, 2015).

Posteriormente, o brinquedo passou a se chamar de brinquedo terapêutico e definido como um brinquedo que proporciona alívio da ansiedade na criança resultantes de experiências que não são normais para a sua idade (MELO, 2009).

A partir de 1990, começaram a surgir estudos centralizados na assistência ao acompanhante e a família com a finalidade de focar nas suas necessidades. O espaço com brinquedos e jogos educativos objetivam incentivar às crianças e seus acompanhantes a brincar (MELO, 2009).

Com relação aos seus benefícios, trata-se de um brinquedo estruturado que reduzi a ansiedade da criança gerada por experiências negativas, que costumam ser ameaçadoras e requerem mais do que recreação para resolver a

ansiedade presente. É uma técnica considerada indireta, que deve ser utilizada quando a criança mostrar dificuldade para compreender ou lidar com situações adversas, dando-lhe a oportunidade eliminar a sua tensão ao relatar as situações vividas e manusear os brinquedos que os representem (KIRCHOFF; BONIN, 2015).

De acordo com Almeida; Gomes; Monteiro (p.1303, 2015), o brinquedo pode ser classificado em 3 categorias, que são:

Dramático - que tem a finalidade de permitir à criança revelar experiências que tem dificuldade de verbalizar, a fim de aliviar tensão, expressar sentimentos, necessidades e medos;

Capacitador de funções fisiológicas - utilizado para capacitar a criança para o autocuidado, de acordo com o seu desenvolvimento, condições físicas e prepará-la para aceitar a sua nova condição de vida

Instrucional - indicado para preparar e informar a criança dos procedimentos terapêuticos a que será submetida, a fim de envolvê-la na situação e facilitar sua compreensão a respeito do procedimento a ser realizado

Quanto as suas funções, Brito (2013) aponta que são quatro: liberar a raiva por meio da expressão, reproduzir experiências dolorosas e compreendê-las, formar um vínculo entre o lar e o hospital e retrair-se para readquirir o controle

De acordo com Cosson (p.118, 2016), a criança pode participar das brincadeiras de 5 maneiras diferentes:

- a. Observada: quando a criança apenas observa a brincadeira sem manifestar interesse em participar sendo característica das crianças em seu primeiro ano de vida
- b. Solitária: que é caracterizado pelo ato de brincar sozinha com seus brinquedos, esse tipo de brincadeira é comumente observado quando estão com idade media de 18 meses;
- c. Paralela: quando mesmo quando brincando dentro de um grupo permanece brincando individualmente, não havendo interação com os outros participantes da brincadeira normalmente característica de crianças com idade entre 1 e 3 anos;
- d. Associativa: Quando as crianças brincam, porém neste período há ausência de organização liderança ou regras, nesta fase são altamente influenciados pelo comportamento do outro, geralmente ocorre grupo limitados, esse tipo de brincadeira é natural em crianças com idade entre três a cinco anos
- e. Cooperativa ou jogo social: A autora define para este período, brincadeiras mais elaboradas, com planejamentos e objetivos bem dispostos, geralmente já papeis definidos e líder e traços sendo comum a partir dos cinco anos de idade. Já entre a fase dos oito e nove anos começa aparecer os traços democracias e discussão de regras

## **Pré-escolar**

Na fase pré escolar, que vai de 2 a 7 anos, as crianças passam a considerar a representação das ações, situações e fatos que acontecem na vida dela. Nesse caso, elas expressam essas situações por meio da imaginação, imitação, jogo simbólico e desenho (COSSON, 2016)

Nessa fase, ela começa a desenvolver o seu pensamento. A criança pensa e constrói sua ação, ainda que de maneira superficial. Esta faixa etária costuma estudar os fatores apenas de um lado da questão, ou seja, o dela própria, pautando-se nas suas experiências e sentimentos. Seu pensamento, por não ser de natureza lógica, acredita que pode manipular todas as ações do seu espaço. Não consegue ver o ponto de vista do outro, iniciando o jogo simbólico, o faz de conta, onde tenta entender o contexto que a cerca (GREGORIN, 2009).

Sua linguagem melhora, deixando de cometer erros, a criança começa a falar como uma pessoa mais adulta. Ela começa a classificar e a dar nomes aos objetos conforme sua característica, porém, apresenta dificuldade nas palavras como “maior que”, “menor que”. Consegue compreender outros conceitos espaciais a partir de seu próprio corpo (exemplo: em cima, em baixo, esquerda, direita, atrás, na frente) e compreende conceitos temporais (ontem, amanhã, depois) a partir do seu cotidiano (GREGORIN, 2009).

Aos poucos, o seu pensamento começa a tomar mais forma, procurando concluir os fatos observados. Consegue ser independente para as suas atividades, realiza brincadeiras em grupos e obedece regras. A atividade motora fina melhora, e passa a usar ferramentas manuais, como chaves e tesouras. (D'ONOFRIO, 2015).

Dessa forma, ao jogar simbolicamente, a criança cria um mundo onde não existe punições, intimidações, normas e regras, oriundas do mundo dos adultos, o que proporciona ela a mudar a realidade com o intuito de suprir suas necessidades e desejos. Ressalta-se, assim, a importância do jogo simbólico

como um elemento que permite à criança a relatar seus desejos e problema, além de adaptar-se ao meio em que vive (D'ONOFRIO, 2015).

Nessa brincadeira, os objetos têm um significado pessoal e de sentimentos mais humanos, podendo representar pessoas. A criança, neste tipo de jogo, expressa sua realidade, mostrando os seus sentimentos e transformando-os de acordo com os seus desejos (BRITO, 2013).

Nesse sentido, os principais jogos simbólicos utilizados são os jogos de ficção e imitação. É por meio do faz de conta que a criança realiza seus sonhos, fantasias, expõe seus problemas anteriores, medos e angústias, aliviando tensões e frustrações. Destacam-se os jogos de papéis (desenhos), faz-de-conta e representação (BRITO, 2013).

O desenho é visto como uma forma da criança se comunicar, levando-se em conta a expressão de seus sentimentos e também de seu mundo interno. Nesse aspecto, o desenho é uma forma terapêutica de garantir a elaboração e a redução da angústia desencadeada pela internação hospitalar (CASSIANO, 2009).

Além disso, os desenhos infantis são um método que avaliam as experiências dolorosas. As representações do sofrimento no que diz respeito à dor são mostradas por meio de algumas características, tais como a quantidade e a qualidade das figuras desenhadas, a inclusão de partes do corpo e/ou lesões nas zonas representadas. A interpretação do desenho pode ser baseada na escolha das cores, como o vermelho e o preto, que são muito usados nessa fase para demonstrar o grau de dor, independente do problema, idade ou o gênero da criança. O desenho também tem sido usado em associação com histórias, como técnica de investigação clínica (CASSIANO, 2009).

## Escolares

A criança em fase escolar tem a capacidade de entender o que está ocorrendo em volta dela, podendo opinar sobre o seu processo de hospitalização e a importância de brincar nessa situação. Entre os 6 aos 10 anos, a criança começa a ficar sociável e a gostar de brincar em grupo, tem interesse por jogos eletrônicos e computador e possui o raciocínio lógico para desenvolver atividades com estratégias simples (MELO, 2009). Para os escolares, os principais jogos que eles mais usam são os brinquedos eletrônicos e técnicas de distração (MELO, 2009).

]Além disso, Oliveira e Trevisan (2013) complementam outras estratégias que são: bonecos que representam o tamanho da criança, contação de histórias, jogos de interpretação, livros para colorir, moldagem de argila, jogos de vídeo game, desenho animado projetado no teto da sala de tratamento durante o procedimento, vídeo sobre a cirurgia com fotos do ambiente da sala de operação, atividades lúdicas com o uso de brinquedos, jogos, livros, gibis, filmes, televisão e materiais para desenho e o uso de fantoches.

Nesse contexto, Brito e Rocha (2015) relatam que os fantoches tem grande importância no tratamento, pois a criança se torna protagonista da ação e coloca o boneco a sua marca pessoal, facilitando ainda mais a expressão de seus medos angústias e anseios

Dessa forma, os brinquedos deve se adequar ao aprendizado das crianças na escola. Nesse sentido, os principais brinquedos mais adequados e que podem ser utilizados no processo de hospitalização são: livros, software ou jogos de vocabulário, de matemática, de estratégia ou de geografia, trazendo os aspectos do desenvolvimento intelectual para a vida (MELO, 2009).

Ademais, Barros (2013) demonstra que as miniaturas de brinquedos, materiais específicos sobre os assuntos do ambiente hospitalar, como a maleta de médico e dominó sobre o corpo humano.

Há também os efeitos da música para as crianças hospitalizadas. Quando é implantada a música, há a presença de sentimentos positivos da criança quanto

a sua hospitalização e procedimento cirúrgico, bem como o aumento de sua qualidade de vida e bem-estar (BARROS, 2013).

### **Dificuldades e facilidades do professor para trabalhar com o brincar**

O professor encontrará diversas possibilidades contribuições e facilidades para criar momentos para explorar a brincadeira no trabalho docente, como por exemplo (BRITO, 2013):

- Receptividade da criança em lidar com o mágico, o imaginário, o lúdico das histórias infantis;
- Oportunidade de ter no espaço escolar um satisfatório número de livros literários.
- Material linguístico rico, trazido pela criança por meio das histórias que ouve na literatura oral da família;
- Vários recursos, histórias e lendas do folclore brasileiro.

Quanto as principais dificuldades, estão (BRITO, 2013):

- A desvalorização dos valores da arte da língua literária por parte da sociedade como um todo.

Dessa forma, é necessário enfrentar as dificuldades sejam elas econômicas, sociais e mesmo filosóficas para que os professores e alunos encontrem o prazer de ler um livro de frequentar uma feira de livros, de trazer para a escola a Literatura Infantil, ou mesmo reencontrá-la dentro desse espaço de cultura, de lazer, entretenimento e transformação social (ALMEIDA; GOMES; MONTEIRO, 2013).

Ademais, se os professores estiverem empenhados para criar o hábito de leitura das crianças, os mesmos deverão ter em mente determinado conhecimento sobre as obras que irão ler repassando deste modo (ALMEIDA; GOMES; MONTEIRO, 2013):

- Mais entusiasmo passará aos seus alunos, se realmente falar narrativas com segurança

- A simples situação de sala de aula em que se conta uma história eu lemos pode transformar para a criança, uma verdadeira “contação” desse fato
- Se torna fundamental recomendar ao aluno aquelas histórias que, de fato conhece
- Conquistando a criança para o hábito de ler, o professor terá um aluno que escreve com mais criatividade e com maior facilidade, mesmo sem conhecer as regras.

Ressalta-se, também, que o professor deverá levar em consideração, ao fazer uma certa classificação de obras destinadas a seus alunos, não só pela faixa etária, ou fase, mas principalmente o comportamento do aluno, visto que a leitura de obras infantis estará baseada por uma construção de valores. O aluno estará lendo sendo essa atividade que dará sentido ao mundo do leitor (SANTOS, 2017).

Cabe ao professor, a função de ser mediador entre o texto literário e a criança, contribuindo para o entendimento específico de cada aluno e não o papel de impositor de uma interpretação única, deixando de lado a visão da criança. Assim, o que se propõe é que os professores se relacionem mais com texto, conforme a sua época e produção (em uma relação com o texto histórico/ história narrada) e que perceba no texto um conjunto de juízes críticos que se acumulam na obra (valores, crenças, visões de mundo, etc.) (SANTOS, 2017).

Por fim, tão essencial quanto dar mais recursos aos professores, e às escolas, é reforçar a brincadeira não como objeto apenas formal e científicos mas como prática de vida como processos criadores, como linguagens e passaportes necessários para a inserção das crianças na sociedade atual. As linguagens da arte da literatura e do lúdico, e das mídias na escola podem e devem estar ligadas ao conhecimento como processo criador que visa buscar a poética do cotidiano e a beleza da fala, do pensamento, no gesto, no olhar, na arte de ensinar e também de aprender (SEVERO, 2015).

## **A brincadeira, a escola e a família**

Segundo Almeida; Gomes; Monteiro (2013), a brincadeira é interessante para a criança pois apresenta uma natureza fantasiosa, como por exemplo: traduzidos em mitos, aparições da antiguidade, monstros ou realidades dos tempos modernos; exposto numa maneira mais expressiva qualquer: lenda, conto, fábula, quadrinhos e entre outros, apresentando beleza poética e ilustrações que mais sugerem do que dizem. As crianças se despertam com o fabuloso, pois a preferência pelo mistério, fantasia, prazer e emoção são ligadas a criança. Essa característica de incentivar à imaginação é que manterá o interesse da criança (ALMEIDA; GOMES; MONTEIRO, 2013).

Isto explica o fato de que o brincar é fascinante até os dias atuais, pois alcança diretamente a imaginação da criança. Nesse aspecto, pode-se dizer que a criança possui uma sensibilidade estética mais profunda que o adulto (BRITO; ROCHA, 2015).

Além disso, Lins e Bispo (2015) complementam que o dramatismo também é outro traço primordial da brincadeira. O drama é essencial para a criança como uma expressão dos seus movimentos interiores e a capacidade dele se sentir vivo. A fantasia e o drama são as duas bases mais importantes para a literatura que serve aos interesses da criança em qualquer idade (LINS; BISPO, 2015).

Nesse aspecto, Santos (2017) acredita que a brincadeira dá a oportunidade para a criança despertar diversas emoções e ampliar a sua visão de mundo. É nesse encontro com a fantasia, que a criança entra em contato com seu próprio mundo, conversa com seus sentimentos mais profundos, confronta seus medos e desejos escondidos, supera seus conflitos e se equilibra para crescer (SANTOS, 2017).

Contudo, Paiva e Oliveira (2010) afirmam que algumas brincadeiras são deixadas de lado pelas crianças pois seus textos apresentam uma infantilidade que chegam a banalização da inteligência nesta faixa etária, não preenchendo as exigências intelectuais e sentimentais da criança.

A linguagem é outro aspecto a ser considerado de grande relevância ponto a ser considerado de importância vital para degustação da obra e que resume de certo modo a habilidade do autor. A criança necessita de uma linguagem simples, cuidadosa e agradável para que não se torne um texto ruim. Quanto mais limpa a expressão, mais simples e bela a forma de linguagem, mais a criança irá gostar da leitura (LOPES, 2013).

Nesse contexto, Oliveira e Trevisan (2012) afirmam que a moralidade é um elemento que desmotiva a criança na leitura, uma vez que ela pode perceber a ideia artificial oriunda da virtude como recompensa e o vício como castigo. Acrescenta-se ainda, que nesse processo, a escola apresenta uma prática de dominação, proporcionando uma relação de poder por meio de um controle disciplinar colocado em prática pelo educador (OLIVEIRA; TREVISAN, 2012).

O professor é visto como um profissional dominante e guardião do saber. O aluno, no caso a criança, é vencida pelo ambiente escolar, sendo uma peça a ser modificada de acordo com a visão do adulto. Pode-se dizer, então, que a criança é obrigada a seguir o que o professor ensina (BRITO, 2013).

Dessa forma, o uso da literatura infantil limita ao serviço do processo de manipulação da criança, cumprindo o papel de transmissor de conhecimento de acordo com o desejo do adulto. O professor, nesse caso, usa a literatura infantil como uma ferramenta para transmitir normas de obediência e bom comportamento (BRITO, 2013).

Um dos recursos literários muito usados no trabalho com crianças de séries iniciais do ensino fundamental são as fábulas. Enquanto gênero, as fábulas são narrativas curtas, os personagens são animais, plantas ou objetos animados que ganham características humanas e no final trazem um ensinamento ou moral. Geralmente, as fábulas têm uma característica pedagógica em que a criança não precisa apresentar questionamentos ou reflexões. Nessa visão tradicionalista, o objetivo de seu uso é que os alunos se identifiquem com a moral demonstrada pela fábula (OLIVEIRA; TREVISAN, 2012).

Diante disso, com a crescente circulação da literatura infantil nos ambientes escolares, a escola torna-se um espaço de encontro da criança com o

livro. Então, cabe a escola a responsabilidade de inserir a literatura infantil na formação textual desta faixa etária (OLIVEIRA; TREVISAN, 2012).

Entretanto, Kirchof e Bonin (2016) relatam com o crescimento da literatura infantil, os livros paradidáticos são muito usados nessas instituições por apresentarem fundamentos éticos e morais. Nesse aspecto, o livro paradidático elimina a vivência estética e trata as crianças de forma igual, o que os diferencia dos livros literários. Os livros paradidáticos apresentam um método estabelecido de trabalho. A finalidade deles é que as crianças cheguem a uma única interpretação do texto lido. Geralmente, contém fichas de leituras, criadas por autores ou especialistas para serem preenchidas pelos leitores (KIRCHOF; BONIN, 2016).

Devido a isso, os professores acabam assumindo um papel secundário nesse processo, pois delegam a outros, o planejamento das atividades de literatura que serão realizadas com seus alunos (BRITO, 2013).

Nos livros paradidáticos, as atividades são pré-determinadas e as fichas de leituras, já criadas, são usadas pelo professor, apenas como um critério de avaliação e garantia de leitura realizada, escondendo assim, o despreparo do professor com as atividades literárias e a reduzida familiaridade com a leitura dos livros desenvolvida em sala de aula (BRITO, 2013).

Salienta-se que os livros literários não são livros paradidáticos, mesmo que muitos professores reduzam seu significado, utilizando-os com o mesmo objetivo. A diferença entre eles é que o texto literário não apresenta compromisso com o leitor, sendo um texto estético, criado, imaginário, fantasioso e reflexivo. Estas características do texto literário, por sua vez, podem resultar na criação de um pensamento crítico na criança (KIRCHOF; BONIN, 2016).

Ademais, observa-se que a construção do sucesso da escolar da criança não se restringe na falta ou presença de livros em casa ou na escola. Mas sim das dinâmicas internas de cada família: a afetividade entre os membros da família, a ordem doméstica, maneiras de autoridade familiar, as maneiras de investimento pedagógico, as formas familiares da cultura e da escrita. Observa-se, então, que a

transmissão dessa cultura existente na família é incentivar o sucesso escolar da criança ou não (OLIVEIRA, 2015).

### **A importância da brincadeira e os seus principais benefícios na formação da criança**

Desde o século XX, observa-se a relevância que brincadeira ocupa na vida de muitas pessoas, principalmente na vida das crianças, as quais são as que mais ficam deslumbradas com esse mundo de “faz-de-conta” (SOUZA, 2010).

Nesse aspecto, Souza (2015) diz que as crianças que gostam de brincar, estão aptas a entrar em horizontes conduzidos pelos textos mais críticos. Além disso, são pessoas capazes de melhorar o desempenho de suas atividades, além de apresentarem melhor capacidade para enfrentar problemas sociais. Assim sendo, a brincadeira expande suas possibilidades e aptidões em relação a sua introdução na sociedade que a cada dia passa a tornar-se cada vez mais exigente e seletiva.

Em contrapartida, Lopes (2013) afirma que as crianças que ainda não conhecem as formas de brincar são as que mais aproveitam as fantasias e as que mais imaginam. É de suma relevância para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias. Escutá-las é o início da aprendizagem para um ser leitor.

Por isso, a criança começa a trilhar o seu próprio caminho como um ser leitor ainda nos braços dos pais, ouvindo o que eles contam. O primeiro contato da criança com um texto é realizado oralmente, por meio da voz da mãe ou de outros familiares, contando contos de fadas, trechos da Bíblia, histórias inventadas (tendo a criança ou os pais como personagens) (LINS; BISPO, 2015).

Assim, Lins e Bispo (2015) complementam que a literatura infantil se faz indispensável na escola, e a escola, em contrapartida, é o local mais adequado para se desenvolver com a literatura infantil, porque ela é o espaço ideal para serem elaborados projetos e desafios que abrirão caminho para novas aprendizagens, principalmente, porque, a criança e literatura infantil estão inseridos na mesma natureza, ou seja, ambas são lúdicas, mágicas e

questionadoras. Essas afinidades fazem com que a literatura infantil seja uma ferramenta necessária para o professor e para a criança, na busca de um entendimento do mundo e do ser humano (LINS; BISPO, 2015).

Nesse aspecto, Oliveira (2015) afirma que a brincadeira realiza uma função social na formação da criança, pois utiliza uma linguagem específica de transmitir a comunicação e dar espaço a criação. Dessa forma, esse tipo de leitura se caracteriza como um meio de aquisição do conhecimento do que se passa ao redor, portanto, é uma ação social, pois expande a visão de mundo da criança e permite que ela compreenda de modo mais claro e objetivo todos os fatos que a cerca, garantindo assim uma visão mais crítica e reflexiva. Sendo assim, a criança não apenas decodifica as palavras, ele as compreende, interpreta e organiza suas ideias fazendo referência a tudo que leu (OLIVEIRA, 2015).

Como se sabe, a brincadeira tem a sua importância em crianças com idade escolar, pois é por meio dela que a imaginação fantástica delas são despertadas. Nesse aspecto, os professores consideram a brincadeira importante, pois esta faz as crianças conhecerem novos cenários, despertarem nelas o gosto pela leitura, explorar sua oralidade, além de enriquecer o seu vocabulário, estimular o imaginário, a criatividade, o lúdico e a fantasia, fazendo com que elas viagem pelo mundo que elas mesmas criaram (OLIVEIRA; TREVISAN, 2012).

Além de tudo isso, brincadeira tem o seu papel dentro de um trabalho pedagógico. Como papel pode-se citar: que ela serve de base para projetos pedagógicos realizados pelos professores, e é onde se baseiam também em diversas atividades, brincadeiras, momentos lúdicos, além de envolver a turma de maneira prazerosa (COSSON, 2016).

Quanto a maneira de se trabalhar esse tipo de literatura, Cosson (2016) relata que o mesmo é considerado um importante fator para que as crianças passem a gostar das mais variadas histórias. Nesse sentido, pode-se trabalhar por meio de filmes, dramatizações, teatros, leitura de livros de imagem, encenações, brincadeiras, manuseio de livros pelos próprios alunos e o mais comum de todos: o contar histórias (COSSON, 2016).

Nos momentos de leitura, o professor deve sempre procurar se fiel e apresentar certo caráter interpretativo a sua leitura usando variações de entonação de forma clara e agradável. O professor deve procurar agir como alguém que incentiva o interesse das crianças pelo enredo, comportando-se não somente como leitor das histórias, mas também, demonstrando entusiasmo e curiosidade, como mais uma pessoa que participa e ouve (D'ONOFRIO, 2015).

Nesta perspectiva, a leitura prazerosa de alguma história infantil não exclui o processo de aquisição do conhecimento, pelo contrário, a criança é estimulada à curiosidade e absorve novas informações, desenvolvendo assim novos conhecimentos. É interessante também que a escola privilegie a qualidade do material que as crianças vão utilizar e a formação dos professores mediadores do conhecimento da literatura infantil, o conhecimento e cultura estão correlacionados formando um conjunto inseparável que auxilia de uma maneira individual a formação da criança leitora. (D'ONOFRIO, 2015).

Portanto, a literatura infantil na escola é uma ferramenta essencial para a formação textual da criança, pois ela abre o caminho para que ela compreenda e passe a ler outros textos, que variam de gênero e temas de leitura. Neste caso, a literatura infantil também permite a criança que ela conheça diversas culturas e sociedades que ainda conhece e expanda o seu conhecimento ao absorver por meio deste tipo de texto as informações e características de uma determinada cultura que para ele até então era desconhecida (OLIVEIRA, 2015).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluiu-se, nesta pesquisa, que a brincadeira tem grande relevância no processo de formação da criança em idade escolar. Pode-se dizer, neste caso, que o aspecto lúdico da brincadeira está intimamente ligado ao comportamento desta faixa etária.

Além disso, a brincadeira alcança diretamente a imaginação da criança, fazendo-a compreender e interpretar melhor os fatos que a cercam. Outro aspecto interessante encontrado nesta pesquisa é que este tipo de conduta desenvolve uma função social na formação textual da criança, pois ela utiliza a linguagem como uma ferramenta para a transmissão da comunicação, além de dar espaço a criação.

Ademais, a brincadeira é um meio para a aquisição de conhecimentos e serve para expandir a visão do mundo da criança, assegurando seu pensamento crítico e reflexivo. Neste contexto, o professor é o profissional mais importante deste processo, pois ele passa a imagem de ser o detentor de todo o saber, e isso faz com que ele tenha a responsabilidade sobre o desenvolvimento escolar da criança.

Sendo assim, outros estudos deverão ser realizados com o intuito de solucionar falhas no que tange ao uso da brincadeira em outras faixas etárias, como por exemplo, as crianças pré-escolares, com o intuito de contribuir para a área de Letras.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, T.A; GOMES, M de F.C; MONTEIRO, S.M. Aprendizagem e Desenvolvimento de Crianças de Seis anos na Roda de História. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1303-1326, out./dez. 2013. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/28453>. Acesso em: 10 jun 2019

BARROS, PRPD. **A contribuição da literatura infantil no processo de aquisição da literatura**. 2013. 54 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Pedagogia) – Unisalesiano, Lins, 2013. Disponível em:< [www.scielo.org.br](http://www.scielo.org.br)> Acesso em: 10 jun 2019

BRITO, L.E.B, ROCHA, M.S.P.M.L. A vez e a voz das crianças sobre a literatura infantil. **IX encontro nacional sobre atendimento escolar hospitalar**. ENAEH. PUCPR, 26 a 29 de out de 2015. Disponível em:< [http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/17877\\_10053.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/17877_10053.pdf)> Acesso em: 10 jun 2019

BRITO, R.S.A. **Literatura infantil no processo de aquisição da leitura e da escrita**. 2013. 143 fls. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Pedagogia) – UFPB, Mamanguape, 2013. Disponível em:< [www.scielo.org.br](http://www.scielo.org.br)> Acesso em: 10 jun 2019

CASSIANO, AP. **O prazer de ler: o incentivo da leitura na educação infantil**. 2009. 48 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Pedagogia) – UEL, Londrina, 2009. Disponível em:< [www.scielo.org.br](http://www.scielo.org.br)> Acesso em: 10 jun 2019

COSSON, R. Literatura infantil em uma sociedade pós-literária: a dupla morfologia de um sistema cultural em movimento. **Pro-posições**. V. 27, N. 2 (80), maio/ago. 2016. Disponível em:< [www.scielo.org.br](http://www.scielo.org.br)> Acesso em: 10 jun 2019

D'ONOFRIO, D. P. O papel da literatura infantil na formação da criança: análise do livro “As frangas”. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 2, p. 34-44, dez. 2015. Disponível em:< [www.scielo.org.br](http://www.scielo.org.br)> Acesso em: 10 jun 2019

GREGORIN, J.N.F: **Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores** – São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

KIRCHOF, E.R.R, BONIN, I.T. Literatura infantil e pedagogia: tendências e enfoques na produção acadêmica contemporânea. **Proposições**. V. 27, N. 2 (80), maio/ago. 2016. Disponível em:< [www.scielo.org.br](http://www.scielo.org.br)> Acesso em: 10 jun 2019

MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 7. ed – 4 reimpr. – São Paulo. Atlas, 2009

MENDES, K.D.S, SILVEIRA, R.C.C.P, GALVÃO, C.M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto Contexto Enferm**. Florianópolis, V.17, N.4, P. 758-64, Out-Dez, 2008. Disponível em:<[www.scielo.org/pdf](http://www.scielo.org/pdf)> Acesso em: 10 jun 2019

MELO, V.S. **A prática da literatura na formação do leitor literário do ensino fundamental**. 2009. 68 fls. Bacharel (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2009. Disponível em:< [www.scielo.org.br](http://www.scielo.org.br)> Acesso em: 10 jun 2019

OLIVEIRA, F. R.; TREVISAN, T. A. A literatura infantil na formação de professores primários no Brasil: contribuições de Bárbara V. de Carvalho (1959) e Antônio D'Ávila (1961). **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 12, n. 36, p. 359-379, maio/ago. 2012. Disponível em:< [www.scielo.org.br](http://www.scielo.org.br)> Acesso em: 10 jun 2019

OLIVEIRA, FR. **O ensino da literatura infantil na formação de professores: quais sentidos**. In: História do ensino da literatura infantil na formação de professores no estado de São Paulo (1947-2003) [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 323-337. Disponível em:< <http://books.scielo.org/id/8q7yj/pdf/oliveira-9788579836688-06.pdf>> Acesos em: 10 jun 2019

LINS, H.A.M, BISPO, C.F.B. Literatura infantil e formação do leitor: atuação docente e participação dos pequenos na educação básica. Revista do programa de pós-graduação Universidade do Sul de Santa Catarina. Poiésis, Tubarão. v.9, n.15, p. 171 - 190, Jan/Jun 2015. Disponível em:< [www.scielo.org.br](http://www.scielo.org.br)> Acesso em: 10 jun 2019

LOPES, T.C.R. **Era uma vez o fim: representações da morte na literatura infantil**. 2013. 79 fls. Monografia (Bacharel em Comunicação Social) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em:< [www.scielo.org.br](http://www.scielo.org.br)> Acesso em: 10 jun 2019

MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 7. ed – 4 reimpr. – São Paulo. Atlas, 2009

MENDES, K.D.S, SILVEIRA, R.C.C.P, GALVÃO, C.M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto Contexto Enferm**. Florianópolis, V.17, N.4, P. 758-64, Out-Dez, 2008. Disponível em:<[www.scielo.org/pdf](http://www.scielo.org/pdf)> Acesso em: 19 mai 2018

PAIVA, S.C.F, OLIVEIRA, A.A. A literatura infantil no processo de formação do leitor. **Cadernos da Pedagogia**. São Carlos, Ano 4 v. 4 n. 7, p. 22-36, jan -jun. 2010. Disponível em:< [www.scielo.org.br](http://www.scielo.org.br)> Acesso em: 10 jun 2019

SANTOS, A.E dos. **O livro infantil digital: reflexões sobre a literatura infantil na tela**. 2017. 70 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em:< <http://pantheon.ufrj.br/handle/11422/2172>

SCANTAMBULO, S.C. **A literatura infantil como instrumento para o desenvolvimento do hábito de leitura nas séries iniciais do ensino fundamental**. 2012. 44 fls. Monografia (Especialista em educação) – UTFPR, Medianeira, 2012. Disponível em:< [www.scielo.org.br](http://www.scielo.org.br)> Acesso em: 10 jun 2019

SOUZA, A. A. A. **Literatura Infantil na Escola**. Campinas: Autores Associados, 2010.

SEVERO, J.M.F. **As contribuições da literatura infantil na constituição do sujeito leitor na educação infantil: o papel da escola e da família** 2015. 14 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Unijuí, Ijuí, 2015. Disponível em:< [www.scielo.org.br](http://www.scielo.org.br)> Acesso em: 10 jun 2019

SOUZA, L.P. **Literatura infantil: apontamentos e possíveis contribuições para a formação de leitores**. 2015. 32 fls. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Pedagogia) – UFF, Angra dos Reis, 2015. Disponível em:< [www.scielo.org.br](http://www.scielo.org.br)> Acesso em: 10 jun 2019

VIGOTSKI, L. S. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo. Editora: WMF MARTINS FONTES, 2009.